



A relação entre a história e a literatura: perspectiva teórica

Maria Gabrielly Silva de Oliveira¹

Resumo: Nesta pesquisa buscamos estabelecer a relação entre a História e a Literatura levando em consideração os princípios teóricos que respaldam os estudos históricos e, conseqüentemente, legitimam o seu caráter científico. Para tanto, um estudo pautado no processo de seleção comum aos historiadores e aos literatos será levado em consideração, pontuando como a Teoria da História enxerga esse processo e os possíveis deslocamentos para uma observação das escolhas do escritor. A base dessa análise será pautada nos autores Jacques Le Goff (2003), Edward Hallet Carr (1978). No mais, esse processo de escolhas também pode vir acompanhado da compreensão das sensibilidades do autor, conceito este que é discutido por Sandra Pesavento (2003). Dessa maneira, é possível uma compreensão de como os historiadores realizam suas escolhas no processo científico e as similaridades dos escritores que fazem seleções sensíveis em suas realidades.

Palavras-chave: Literatura. Teoria. Sensibilidade.

Introdução

A tarefa de relacionar História e Literatura é complexa, entretanto, os estudos modernos e o alargamento das fontes históricas para além daquelas de cunho documental, possibilitou a inserção de novas técnicas e um novo olhar sobre os textos não oficiais, tais como os literários. Desse modo, A história pós-Annales, escola que modificou profundamente os arranjos teórico-metodológicos dos estudos históricos no início do século XX, apresentou um novo panorama de pesquisa, avanços e novos métodos que trouxeram consigo a possibilidade de um olhar para além das fontes genuinamente documentais de cunho político-econômico e, assim, o olhar para a literatura como formadora de uma visão sobre o passado é possível.

Sendo assim, aqui será traçado um panorama das possibilidades de uso dos textos literários, partindo do princípio de que, assim como os historiadores, o literato também é sujeito social que maneja sua realidade e faz escolhas. O processo de seleção, por exemplo, de características das personagens, ambientação da trama e até mesmo o foco narrativo pode ser lido como um mecanismo que se assemelha ao processo de seleção dos historiadores ao buscar e analisar uma fonte histórica.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Goiás, Morrinhos-GO, e-mail: mgabriellysilva.mgso@gmail.com.



Assim, a partir de uma leitura teórica embasada nos autores Jacques Le Goff (2003) e Edward Hallet Carr (1978), será possível visualizar as técnicas de escolha e a aproximação entre a História e a Literatura. No mais, para complementar a discussão, o conceito de *sensibilidade* discutido por Sandra Pesavento (2003) fará parte do escopo de análises teóricas, a fim de demonstrar como esses passos que aproximam as duas áreas, tornam a Literatura uma fonte tão interessante aos historiadores.

Resultados e Discussão

Ferreira (2013), ao se preocupar em apresentar a literatura como fonte histórica oferece uma conceituação muito mais crua e teórica. Em seu texto “A Fonte Fecunda”, o autor redigiu um tópico específico para debate do tema, intitulado “Afinal, o que é literatura?”, fez uma análise crítica, demonstrando que o conceito tal qual conhecido hoje é na verdade um produto construído historicamente no Ocidente e se modificou à medida que os estudos linguísticos avançaram, sobretudo no século XX, fazendo com que discussões acerca do caráter ficcional das obras levassem em consideração não somente seu conteúdo, mas também o modo como se faz literatura (FERREIRA, ano, p.66). Nesse sentido, o autor aplica a crítica: “Compreendida dessa maneira, a literatura não documenta o real nem constitui representações semelhantes ao discurso científico, filosófico, político, jurídico ou outros” (Ferreira, 2013, p.66), ou seja, o autor compreende que as dimensões do entendimento da literatura não se assemelham aos outros tipos de narrativas e nisso reside uma das complicações de sua conceituação. Ademais, Ferreira faz uso do discurso de outros autores para embasar seu ponto de vista e, em determinado ponto, afirma que a esse tipo de texto, se tem como função alargar a visão do leitor e trazer-lhe conhecimento, é por meio da transfiguração da realidade.

Para mais, Ferreira (2013, p. 68) finaliza suas considerações sobre o que é literatura apontando que, mesmo sem a possibilidade de uma definição canônica da mesma, sua significação não deve ser diluída e que todos os textos, discursos e linguagens se assemelham tanto no passado quanto no presente e, independentemente da localização geográfica, a literatura constitui formas próprias de expressão das realidades as quais permeiam. Outrossim,



o autor ainda chama atenção para o papel importante da história nas concepções da literatura, sendo esta parte crucial para a compreensão desta pesquisa:

A pesquisa histórica tem contribuído justamente para a compreensão dos modos como a literatura foi concebida, particularizada em relação a outras expressões orais ou escritas, transmitida, lida, compartilhada ou apropriada pelos diferentes grupos sociais das diversas épocas e sociedades. E, sobretudo, para o entendimento dos distintos papéis que, ao longo tempo, ela desempenhou na existência dos seres humanos, em suas várias dimensões sociais ou subjetivas. (Ferreira, 2013, p. 68)

Sendo assim, é visível a correlação entre História e Literatura desde a conceituação da mesma até discussões mais específicas. É dessas complicações que uma aproximação entre as áreas, a partir de uma discussão teórica, se faz essencial para o entendimento dos textos literários como fontes.

Segundo Chartier (1989), as práticas e representações constroem identidades e a partir destas lutas é possível traçar uma reflexão acerca dessa construção proporcionando inúmeras abordagens e novas configurações de compreensão de determinada realidade social. Dessa forma, em consonância com as discussões historiográficas, é possível observar que todo material literário também é fruto de escolhas dos autores, seja por estarem inseridos em determinada estética literária, fruto de um tempo e das convicções dessa temporalidade, seja para transgredir os valores de estética de gênero, do mesmo modo o resultado, isto é, a obra em si será fruto de escolhas. Sendo essas escolhas provenientes de sua vivência pessoal, logo o processo de é algo, ainda que com suas consideráveis diferenças, comum ao historiador e ao escritor. As marcas que ambas literaturas deixam no tempo recaem na significação que o leitor faz desses textos e caso seja contemplativo em alguma instância humana seu valor é atribuído não às escolhas, mas aos resultados destas.

Complexo é, portanto, estabelecer uma distinção entre estas escolhas a ponto de enxergá-las por um lado, com a literatura ficcional, como o que poderia ser e por outro lado, com a História, o que de fato o é. Atentando, à princípio, para o tópico de escolhas do historiador, dois autores se mostram fundamentais para essa discussão: Edward Hallet Carr em sua obra *Que é História?* (1978) e Jacques Le Goff (2003) no capítulo “Documento/Monumento” de seu livro *História e Memória* (2003), ambos discutindo acerca do trabalho do historiador e do trato



das fontes, tarefa complexa e crucial para o entendimento do “fazer história” e do resultado que isso produz.

Em *Que é História?*, Carr (1978) dentre os cinco ensaios produzidos para responder à pergunta que intitula a obra, inaugura as possibilidades de respostas com o ensaio “O Historiador e seus Fatos” no qual demonstra através de metáforas e debates a relação entre historiador e as fontes/fatos por ele trabalhadas. É notório que no século XIX as pesquisas se debruçaram sobre a vultuosidade do fato, ou seja, através das informações recolhidas em documentos históricos criava-se uma espécie de culto ao fato histórico que, conseqüentemente, o denotava como objetivo e acabado, contribuindo para uma história factual e pouco, ou nada, crítica. Nesse sentido, Carr (1978) é um dos autores no qual é possível observar os primeiros sinais de questionamentos em relação à História empirista que se apresentava naquele momento.

Tendo isso em vista, o autor em questão tece algumas críticas ao comportamento do historiador em relação aos fatos e questiona “Que é fato histórico?”, chegando à conclusão que são fatos básicos, a matéria-prima do historiador e sua significação, ou seja, importância é dada pelo mesmo. Portanto:

A história consiste num corpo de fatos verificados. Os fatos estão disponíveis para os historiadores nos documentos, nas inscrições, e assim por diante, como os peixes na tábua do peixeiro. O historiador deve reuni-los, depois levá-los para casa, cozinhá-los, e então servi-los da maneira que o atrair mais (Carr, 1978, p. 45).

Desse modo, a metáfora demonstra como, segundo o autor, é, ou deve ser, a relação entre o pesquisador e suas fontes e, ainda dentro das reflexões de Carr (1978), o historiador se apresenta como um selecionador que aplica relevância à fonte à medida que seus interesses aparecem no processo heurístico.

Em complementação, é fundamental recorrer ao capítulo “Documento/Monumento”, de LeGoff (2003) e suas ponderações acerca do uso dos documentos afirmando que tais fontes devem ser questionadas minuciosamente e a todo tempo. O documento é, segundo LeGoff (2003), manipulado de forma a passar uma imagem para aqueles que terão acesso a este no futuro, tanto documentos quanto monumentos devem ser vistos como subjetivos. A máxima do capítulo se exhibe na frase “Documento é monumento” (LeGoff, 2003, p.548), e a partir desta o



autor faz considerações acerca dos documentos históricos, em determinado ponto afirma que o que fica do passado são objetos de escolhas e, logo, escolhas humanas. Dessa forma, é possível afirmar que Jacques Le Goff complementa Edward Hallet Carr nas discussões sobre documentação e a significação dada a ela, uma vez que Carr afirma ser, o trabalho histórico, proveniente de escolhas do historiador e a documentação, por ser monumento, também foi fruto de escolhas em determinado momento. Em suma, o que se retira das discussões é a necessidade de atenção para o manuseio das fontes e o reconhecimento de que ela, por si só, não adensa nenhuma constatação histórica e, dessa insuficiência, nasce a necessidade de um historiador que possa dela retirar os devidos “sumos”. A literatura, levando isso em consideração, também não é objeto de escolhas?

A partir dessas aproximações é visível que a literatura é uma fonte riquíssima para os estudos históricos, por apresentar aspectos comuns no sentido processual de escolhas e, acima disso, por estabelecer uma conexão proveniente do ambiente social de vivência do autor e seus interesses. Estabelecer essas aproximações entre as duas áreas é possível à medida que se compreende os processos históricos que envolveram o autor ao longo do seu processo de escrita e, para além disso, auxilia na compreensão da *sensibilidade* de uma época.

Considerando que as narrativas geram sentido íntimos aos indivíduos, Pesavento (2012) traz ao núcleo de suas discussões o conceito de *sensibilidade* que não é racionalizado e é comum a todos os indivíduos. Conceito crucial, tendo em vista que toda representação gera uma sensibilidade e, portanto, a literatura pode ser uma grande aliada por transmitir uma representação de determinado período em que ela foi geradora de sentido e analisar se tais sentimentos ainda são análogos aos momentos de escrita do texto, possibilitando ao historiador uma análise da produção de sentido que determinado grupo concedeu a obra e os motivos de sua recepção naquele contexto. A organicidade desse entendimento segundo a autora é o que transforma o trabalho do historiador em algo rico, o que ela chama em tons de pilhéria de “*o crème de la crème da história!*” (2007, p.10), a expressão é um demonstrativo de como falta ao estudioso da história uma busca por essas características do passado.

Segundo a autora, as sensibilidades vão além do conhecimento científico e brotam em construções mentais complexas não racionalizadas, pode-se dizer que a esfera desse conceito



se situa num espaço anterior a qualquer operação humana, como uma reação ou recepção face a realidade. Além disso, a socialização humana é um ponto a ser levantado, pois as experiências até mesmo de sensibilidade são sentidas a partir do homem na racionalização com o mundo de vivências que o ensinam a traduzir tais sensações, é sua inserção nesse mundo que o fazem pertencentes a um tempo e um contexto, ou seja, a sensibilidade também é compartilhada. No mais, o que resta é compreender o quanto a seleção de documentos, bem como de fatos históricos é um processo de escolhas.

Considerações Finais

Em resumo, compreender as aproximações entre as duas áreas é uma tarefa complexa. Contudo, a partir de deslocamentos teóricos como os processos de escolha discutidos, é possível visualizar uma fonte literária como um material riquíssimo e carregado de sentidos intrínsecos de uma época.

Esses documentos, entendidos como resultado de um processo de seleção feito por um literato em determinada época, com determinado propósito ofertam ao historiador as sensibilidades presentes num contexto histórico e nisso reside os interesses por essas fontes. Cabe ao historiador, assim como em outras fontes, se debruçar sobre um texto literário e retirar dele os “sumos” de uma época, entendidos como escolhas feitas por um autor, carregadas de sentidos e sentimentos do contexto histórico de produção.

Referências

CARR, Edward Hallet. O Historiador e seus fatos. In: _____. *Que é História?* 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p.11– 27/ 75– 91.

CHARTIER, Roger. O Mundo Como Representação. *Annales*, 1989, Nº 6, pp. 1505- 1520, NOV-DEZ, 1991.

FERREIRA, Antônio Celso. A fonte fecunda. In: LUCA, Tania Regina de; PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *O Historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 61-92.



LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: _____. *História & Memória*. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. p. 525 – 541.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.